

ISABELA FIGUEIREDO

Conferência: *O humano e o não humano*

RESUMO

Por Luciana Thomé

A literatura como instrumento de crítica e sensibilidade

No encerramento da temporada 2020 do *Fronteiras do Pensamento*, a escritora portuguesa Isabela Figueiredo brindou os inscitos no projeto com uma fala genuína, sensível e muito criativa para refletir sobre o nosso papel durante a pandemia, a importância da arte e a discussão sobre o humano e o não humano no contexto do coletivo, da discriminação, da história e da justiça social. A conferência foi transmitida pela plataforma digital.

“A arte na qual sou filiada está situada na fronteira entre o conhecimento – que nos possibilita as ciências sociais e humanas como a filosofia, a sociologia e a psicanálise – e o sagrado, que é outro território da arte para mim. O que eu faço não é uma investigação como faz um biólogo, um economista, um químico, um psicólogo. As minhas referências bibliográficas estão implícitas no discurso da minha obra. Mas eu não tenho uma tese formal para apresentar. Tudo o que trago é informal. E este meu trabalho chega ao leitor e é ele que joga o jogo. Eu coloco em pé a obra literária e sou bastante mazinha, porque digo: ‘Aqui está a obra. Agora descubra o seu segredo. Jogue o jogo’. E não apresento a minha solução. A arte não é um trabalho feito. Eu e o leitor trabalhamos e construímos juntos”, ressaltou, na companhia da cachorra Nina.

Isabela destacou que gosta do contato com o público leitor e se referiu, inúmeras vezes, aos aprendizados que teve ao assistir à aula preparatória de sua conferência ministrada pela professora Susana Ventura. “*Caderno de memórias coloniais* eu expeli de mim como se expele veneno. Saindo como um filho. Tendo contrações e saindo um pouco mais daquela criança. E *A gorda* é um livro muito trabalhado do ponto de vista intelectual e literário. E a Susana Ventura me ajudou a perceber que o livro é formado por pequenos círculos. Cada capítulo é uma espiral dentro de um ciclone no meio do campo. Ele tem uma estrutura obsessiva, viciante e que leva o leitor a ficar muito agarrado”, explicou.

A escritora também falou sobre a pandemia, a necessidade do isolamento social e a reflexão que tudo isso provocou. “Fui obrigada a pensar sobre a importância simbólica da porta de minha casa. A forma como a porta é importante na minha vida, como ela permite ou não permite a entrada de pessoas na minha casa, na minha vida e no meu corpo. E obrigou-me, de fato, a

Apresentação

Braskem

Patrocínio

Empresa
ParcelaApoio
Educatonal

Promoção

Universidade
Parcela

pensar a forma como eu protejo a minha privacidade e valorizo a minha privacidade quase com violência e agressividade. Às vezes sou um pouco injusta com os outros porque não permito que ninguém entre em mim, na minha casa, no meu espaço.” Para ela, a escrita é uma maneira de chegar ao outro e de comunicar uma ausência e um medo.

E esta conexão é importante para que seja repensada a existência humana de uma forma mais igualitária para humanos e não humanos. “Nossa existência humana depende do não humano. Nós somos constituídos por bactérias, por fungos. Vivemos com animais no planeta Terra onde nós habitamos. O não humano precisa se tornar mais central e tem de existir ao nosso lado. Eu não posso ignorar que as minhas cadelas existem. Elas existem. Elas estão aqui e são as minhas companheiras. Os meus antepassados fingiram. Hoje meus pais fingem os nossos antepassados. E não quero fingir mais. Isso acabou.”

A família de Isabela migrou, no final dos anos 1950, para Moçambique, colônia de Portugal. No país seu pai se fixou como eletricitista. Esta é a história contada no romance *Caderno de memórias coloniais*. Uma família branca cheia de privilégios em um território de negros. A vida da escritora começou assistindo a este escalonamento social. “Quando meu pai pediu para ir a Moçambique, o pedido foi autorizado porque no final dos anos 1950 Portugal precisava consolidar o seu poder nas colônias. Os movimentos de luta dos povos africanos pela independência estavam começando e a maior parte dos países europeus já tinha conseguido a independência das colônias. Inglaterra, França, Bélgica e Alemanha já tinham conseguido. Portugal mantinha-se, orgulhosamente, dono das suas colônias e fixado no seu poder. Portugal sentia essa necessidade de garantir o poder através da presença do homem branco, através dos portugueses.”

Foi na terra dos negros, explorando os negros, que o pai de Isabela progrediu, quando a ideia de superioridade era pouco questionada. “A ambição dele transferiu para mim esse desejo de ser livre, de questionar o mundo, de não nos subordinar a nenhum colonialismo. É muito interessante este paradoxo de como o colono, que é o meu pai, me transmite o legado do colonialismo. Porque sou eu a filha do colono, mas que vem depois questionar o colono, acusá-lo, expô-lo ao mundo. E é interessante como esse colono deixa-me esse legado. Devo dizer-vos que não foi fácil para uma mulher nascida na primeira metade dos anos 1960 chegar aqui e ir livre poder questionar o colonialismo e questionar o racismo à classe.”

Apresentação

Braskem 

Patrocínio



Empresa
Parcela

UNICRED 



Apoio
Educativo



Promoção

Grupo RBS

Universidade
Parcela



O caminho para o fim do racismo e da supremacia branca segue sendo trilhado. Mas, segundo Isabela, a morte de George Floyd, nos Estados Unidos, iniciou uma onda de reações violentas e importante do *Black Lives Matter*. “Esta compreensão que hoje temos do racismo e do colonialismo começou há séculos. A escravatura foi abolida em Portugal em 1869, mas, em 1969, eu era uma menina de seis anos e testemunhei toda a escravatura dos dois mundos. Dos moçambicanos na mão dos portugueses. A escravatura permanece hoje bem viva. O colonialismo e a escravatura permanecem bem vivos no mundo inteiro.”

E, muitas vezes, é necessário que se percorra um caminho de violência. Mas é essencial que a história seja lembrada. “Porque a história não pode ser apagada e não pode ser reescrita. Eu não posso ir ao *Caderno de memórias coloniais* e apagar as palavras racistas que os colonos diziam. Tal como o Primo Levi não pode ir aos seus livros e apagar as que os militares nazistas do Reich diziam no campo de concentração.”

Para seguir para a frente, é preciso olhar para trás. É importante retirar as estátuas, mas é importante resgatá-las e colocá-las num contexto em que possamos compreender o futuro. “Não podemos apagar Auschwitz. Podemos apenas explicá-lo.”

Isabela destacou que demorou muito a compreender que a forma como praticava a discriminação positiva era uma forma de racismo. “Quando eu olhava para uma aluna minha cujo namorado era um rapaz negro maravilhoso, lindo, inteligente, um bom rapaz, eu pensava: ‘Deus, o risco que vocês estão a correr os dois’. E a verdade é larga. Depois os dois conversavam que eram vítimas de discriminação na rua quando namoravam, quando estavam juntos e se abraçavam e se beijavam. Isso significa que há dentro de minha marcha a sombra que me permite ver a raça, me permite tomar consciência da raça. Isso é racismo.”

Segundo a escritora, durante algum tempo se discutiu nas universidades se, a partir de *Caderno de memórias coloniais*, Isabela também devesse ser responsabilizada como o próprio pai. “Eu também era uma agente de colonialismo. Há quem defenda que, sim, e, entre essas pessoas que defendem o sim, engulo o meu. Por exemplo: o capítulo do *Caderno* no qual eu dou uma bofetada em uma colega minha de escola. Um capítulo muito trabalhado por mim foi incluído na narrativa já bem no finalzinho, bem prestes a entregar ao editor. Eu quis incluir-me no livro como parte implicada, como parte culpada, como vilã. Então, esse capítulo surge devido a essa minha necessidade de me culpar de verdade.”

Apresentação

Braskem 

Patrocínio



Empresa Parceira



Apoio Educacional



Promoção



Universidade Parceira



As gerações atuais sempre contestam as gerações anteriores. Este é sempre um fator positivo. Mas também há o viés pessimista. “Somos animais predadores. Sempre temos de estar constantemente em controle da nossa intuição animal. Não permitimos que o ambiente nos ameace enquanto espécie e ameaçamos as outras espécies. Como é que podemos viver em comunidade sem guerra? Como é que podemos alimentar os humanos sem destruir o planeta, sem destruir o mundo? É a reinvenção do humano. Nas próximas décadas a reinvenção passa por esta necessidade de equilíbrio entre o humano e o não humano.”

Para Isabela, a resposta está justamente nos jovens e na educação. “Será que precisamos plantar árvores? Se calhar, cada aluno precisa escolher uma educação. Precisamos ir para a floresta. Se calhar, precisamos ir para a praia. Se calhar, precisamos deixar aos jovens uma oportunidade. Como professora isso tanto me torturou. Tantas vezes eu ensinei na escola coisas que eu achava que para nada serviam. Este foi meu dilema como uma funcionária pública. Questiono o fato de o mundo não permitir que se escolha a educação que se quer receber. Aquele programa fixo e inflexível da escola. Senti-me uma máquina que não serve para nada. Portanto, eu questiono isso. Se querem que eu os diga: eu acho que precisamos de muitos jovens de greve na escola. A reinvenção do humano e do não humano está neles. Os jovens são revolucionários: greve na escola”, finalizou.

Apresentação

Braskem 

Patrocínio



Empresa
Parcela



Apoio
Educativo



Promoção



Universidade
Parcela

